



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

AFETIVIDADE, GÊNERO E DISCURSO: TECENDO SENTIDOS SOBRE O AMOR

Magna Maricelle Fernandes Moraes

Universidade Federal do Ceará (UFC), magnamaris@yahoo.com.br

RESUMO: Problematizamos neste artigo a construção de discursos sobre o amor, partindo do pressuposto de que há um vínculo entre os avanços no que diz respeito à igualdade da mulher, tanto no âmbito político quanto na esfera da vida privada, e as mudanças no tocante às formas de relacionamento amoroso ao longo da história ocidental. Nosso propósito, mais especificamente, é entabular uma discussão sobre a formulação de sentidos acerca do amor a partir de entrevistas realizadas com jovens estudantes, no contexto do ambiente universitário.

Palavras-chave: afetividade, gênero, discurso.

INTRODUÇÃO

Primeiramente, elucidamos que este trabalho corresponde a uma parte da nossa tese de Doutorado “Juventudes, Afetos e Linguagem: o saber discursivo e a formulação de sentidos sobre o amor a partir da fala de jovens acadêmicos” (MORAES, 2014). Nosso propósito, mais diretamente, é entabular uma discussão sobre a formulação de sentidos acerca do amor a partir de entrevistas realizadas com jovens estudantes, no contexto do ambiente universitário. Aqui importa dizer que não buscamos problematizar “o amor em *si*, como objeto de análise a ser desvendado em uma perspectiva acadêmica”, nos termos de Coutto (2011). Neste estudo, o amor é pensado enquanto resultado de processos históricos de significação que se efetivam no e pelo sujeito falante, por conseguinte é tomado como um *objeto do discursivo*. Convém dizer que, na Análise do Discurso, há um deslocamento da noção de homem para a de sujeito de linguagem, ou sujeito do discurso; sujeito este que é descentrado, “pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (ORLANDI, 2002, p. 20). Outrossim, esclarecemos que, nesta pesquisa, não nos referimos ao amor à pátria, aos familiares ou a Deus, mas ao amor “impregnado de sexualidade”, para usar a expressão de PAZ (1993).

Nessa perspectiva, apresentamos como resultado algumas interpretações para os efeitos de sentido produzidos na fala dos jovens acadêmicos por meio da análise de suas entrevistas. Nosso propósito especificamente é buscar compreender como são construídos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sentidos acerca do amor no momento em que se fala, no discurso articulado no e pelos sujeitos de linguagem/de discurso, em nosso caso, os jovens acadêmicos. Mais especificamente, alunos do curso de Economia Doméstica e da graduação em Letras, regularmente matriculados na Universidade Federal do Ceará (UFC), instituição em que cursamos Doutorado no ano de 2014.

No que diz respeito aos critérios de escolha dos estudantes, importa dizer que tanto no curso de Economia Doméstica quanto na graduação em Letras, o número de moças é bastante expressivo, em detrimento da quantidade de rapazes. No que diz respeito particularmente ao curso de Letras, chama a atenção o número de estudantes que não se enquadram nos padrões normativos da heterossexualidade, e seguem orientações homoafetivas. Mas afinal qual seria a relação desses dados com nossos objetivos nesta pesquisa – o de analisar a fala de jovens universitários quanto ao modo de significar o amor? Para Giddens (1993), na discussão sobre questões pertinentes ao amor, é preciso partir do princípio de que foram justamente as mulheres, ao reivindicar igualdade com os homens, que desencadearam mudanças no tocante às formas de relacionamento amoroso pré-existentes, a partir das quais teria sido instituído o que o autor (1993) chama de “relacionamento puro” (GIDDENS, 1993). Além disso, o autor põe em destaque o fato de que “as mulheres e os homens gays precederam a maioria dos heterossexuais no estabelecimento de relacionamentos no sentido que o termo veio a assumir hoje” (GIDDENS, 1993, p. 25)¹.

A propósito, seria oportuno trazer à tona a fala de uma das jovens entrevistadas: “o curso de Letras é conhecido, né? Por ter muito homossexual². Mas pra mim tanto faz”. Esclarecemos que, em nossa discussão sobre o amor, levamos em consideração as colocações de Giddens (1993), acima apresentadas. Neste prisma, terminamos por destacar as vozes que historicamente foram silenciadas (e por vezes ainda o são), a das mulheres que se enquadram

¹ Embora os escritos de Giddens (1993) sejam referentes a décadas anteriores, consideramos atual sua tese de que há uma relação estreita entre as mudanças nas formas de relacionamento amoroso e as transformações referentes à liberdade de expressão da mulher e dos que seguem orientações homoafetivas.

² Esclarecemos que preferimos fazer uso do termo homoafetividade, em vez de homossexualidade. Mas chamamos a atenção para o fato de que nossos entrevistados assim como os autores aqui em foco, tais como Giddens (1993), Del Priore (2012) e Bruckner (2011), adotam o outro termo. Particularmente, nossa preferência está diretamente relacionada com o fato de que o termo homoafetividade dá destaque ao aspecto afetivo das relações amorosas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

nos padrões normativos da heterossexualidade, e dos que seguem orientações homoafetivas (“as mulheres e homens gays”, para usar os termos deste autor no parágrafo anterior). Conforme o sociólogo, estes grupos foram vanguardistas no que diz respeito às transformações quanto ao modo de nos relacionarmos amorosamente, forjadas no contexto da história ocidental. E aqui novamente apontamos para a fala de uma das nossas estudantes entrevistadas, a quem chamamos Frida, também do curso de Letras, palavras estas que, por si só, já poderiam justificar nossos propósitos nesta pesquisa:

As relações amorosas hoje... eu acho que elas tão passando por uma ebulição, né, assim. Hoje se discute muito isso, né? Eu acho que antes, talvez, fosse menos discutido justamente pela dominação muito forte do homem. E agora a mulher tem ganhado voz, também se admitem novas formas de amor, né?

METODOLOGIA

As autoras Ludke e André (1986, p. 34) afirmam que “a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado”. Para Bakhtin (1997, p. 113), “a linguagem é essencialmente dialógica, porque cada palavra comporta duas faces, marcadas, de forma irreduzível, pela presença da subjetividade e da alteridade.” Convém dizer que o termo dialógico não se refere exclusivamente ao diálogo face a face, pois, para o autor, toda comunicação verbal é fundamentalmente dialógica. Um romance, por exemplo, constitui um elemento da comunicação verbal, na medida em que “responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc” (BAKHTIN, 1997, p. 113). Com base neste pressuposto, o de que a “palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros”, conforme Bakhtin (1997, p. 113), que buscamos construir um vínculo, para além do formal, e, por vezes, diríamos, até mesmo afetivo, com os jovens estudantes entrevistados.

Na busca de construção da ponte, além da entrevista, também recorremos à observação (no bosque de Letras)³ e ao filme-debate (no caso da turma de Economia Doméstica). Mas é preciso, de antemão, esclarecer e salientar que estes recursos foram utilizados em função de estabelecer um primeiro contato com os sujeitos a serem entrevistados no local de pesquisa, a fim de edificarmos uma relação de confiança e

³ O bosque de Letras, nomeado bosque Moreira Campos, fica situado na Área I do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, no Bairro Benfica, na Cidade de Fortaleza.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

proximidade com eles. Ou seja, aqui a observação e o uso do filme-debate foram procedimentos utilizados sob o viés de um *estudo-piloto*, para usar o termo de Biklen & Bogdan (1994, p.119, grifo nosso). Nossa estratégia de investigação central é a entrevista, fundamental para a coleta de dados, a partir dos quais procedemos à análise das falas, ou melhor, à análise do discurso dos jovens acerca do amor.

Primeiramente, realizamos entrevistas com seis alunos do curso de Economia Doméstica ao longo do semestre de 2013.2; em seguida, no período corresponde ao semestre de 2014.1, foram realizadas entrevistas com cinco alunos do curso de Letras, ao total de onze entrevistas, como já dissemos. A diferença no que diz respeito à quantidade de alunos entrevistados num caso e noutro tem a ver com a própria dinâmica dos contextos nos quais estabelecemos contato com os jovens, dentro e fora do espaço da sala de aula. No que diz respeito ao curso de Economia Doméstica, os seis alunos entrevistados correspondem ao grupo de alunos que se disponibilizou a participar de um filme-debate no âmbito da sala de aula. No tocante à graduação em Letras, quatro alunos me foram apresentados por uma das estudantes que também participou da pesquisa, a quem chamamos Florbela Espanca. Diríamos que ela fez as vezes de uma fadinha, ou, quem sabe, teria nos dado de presente a palavra mágica (o “Abre-te Sésamo”), apresentando-nos aos seus amigos do bosque.

Salientamos que as falas dos estudantes foram encaradas como exemplares de discursos por nos comprometermos com os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso (AD) de Linha Francesa⁴. Nessa perspectiva, é importante evidenciar que a construção do corpus e a análise, na perspectiva da AD, estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca de propriedades discursivas (ORLANDI, 2013, p. 63). A sua constituição obedece a critérios que decorrem de princípios teóricos da AD, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar a sua compreensão. Na delimitação do *corpus* não se segue, portanto, critérios empiristas (positivistas), mas teóricos. Assim, ponderamos que a questão da exaustividade, conforme o que diz Orlandi (2003, p. 10), “adquire novas determinações, ou seja, a exaustividade deve ser considerada em relação aos objetivos e à temática e não em relação ao material lingüístico empírico (textos) em si, em sua extensão”.

⁴ Doravante, utilizaremos AD para nos referirmos à Análise do Discurso de Linha Francesa.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Para a AD, o objeto é inesgotável, na medida em que “não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes” (ORLANDI, 2013, p. 62).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As relações amorosas hoje...eu acho que elas tão passando por uma ebulição, né, assim. Hoje se discute muito isso, né? Eu acho que antes, talvez, fosse menos discutido justamente pela dominação muito forte do homem. E agora a mulher tem ganhado voz, também se admitem novas formas de amor, né? A homossexualidade já está mais aceita, né?

No enunciado acima, articulado por Frida, vem à tona, além de questões referentes à mulher, a temática da homoafetividade ou dos “amores entre iguais”, para usar a expressão de Del Priore (2012). A esse respeito, Del Priore (2012, p. 296) acrescenta que “discretos, quando não perseguidos, e vítimas de toda a sorte de preconceitos, esses grupos tiveram de viver seu amor nas sombras, pelo menos até os anos 60”. Nesta direção, continua a autora (2012, p. 296):

[...] entre a década de 1930 e a de 1960, houve alterações significativas na composição e no desenvolvimento das subculturas homossexuais em grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo, centros que acabavam por atrair migrantes homossexuais de todo o Brasil. A pressão que sofriam em suas localidades de origem, para arrumar namorada ou casar, levava muitos homossexuais a profundas crises familiares ou de saúde, obrigando-os a partir rumo à cidade grande. Ir para os centros em busca de trabalho, mas, sobretudo, para escapar à pressão familiar, era a meta para muitos.

No tocante às crises familiares mencionadas pela historiadora, na citação acima, aqui cabe trazer à tona o discurso de um dos jovens entrevistados, do curso de graduação em Letras, ao articular comentários sobre o modo como sua família lida com sua homoafetividade. O jovem nos disse que sua mãe “lida mais tranquilamente apesar de ela ser evangélica”. Vejamos mais detalhadamente:

Tipo, ela aceita desaceitando, né, porque ela acredita muito nessa coisa da salvação,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

e ela se preocupa muito com a minha alma mas eu sei que isso é uma preocupação dela então eu não tento podar ela, eu deixo ela se preocupar, deixo ela ter o cuidado mas ao mesmo tempo eu tento demonstrar pra ela que "olha, mãe...", porque as pessoas associam muito a homossexualidade com drogas, associam a homossexualidade com doenças sexualmente transmissíveis, e eu digo "olha, mãe, eu me cuido, né, eu tô me cuidando, eu não bebo, eu não fumo, não faço sexo desprevenido", né, eu tento sempre deixar isso claro que é pra tranquilizar ela pelo menos nesse aspecto, já que no aspecto da salvação eu não acredito na mesma coisa que ela...

Diferentemente da mãe do jovem, o pai reagiu violentamente quando o estudante nos disse ter confessado a ele sua homoafetividade:

Enfim, eu explicitiei que realmente eu era homossexual [...]. Magna, ele correu atrás de mim. Pegou o cabo de vassoura e correu atrás de mim, e eu corri no corredor, né? E nisso ele tentou me acertar com o cabo de vassoura, acertou o cabo de vassoura na parede, quebrou o cabo de vassoura na parede, mas graças a Deus eu consegui entrar no banheiro e me trancar. E aí nisso eu fiquei trancado no banheiro e ele gritando, querendo derrubar a porta e minha madrasta tava segurando ele. E aí essa noite foi bem tensa, mas aí ele não passou muito tempo tentando não, só questão de cinco minutos. Depois ele voltou pro canto dele e continuou falando, continuou falando... E aí nisso eu fiquei dentro do banheiro, não sabia se eu chorava, não sabia se eu gritava. Eu só tava pálido porque eu não tava acreditando que eu tinha tido coragem de falar isso, e aí, quando eu senti que o clima tava mais frio, porque frio não ia ficar de jeito nenhum, mas quando tava mais frio eu saí, fui buscar minha toalha, tomei meu banho e fui pra rede e aí eu ouvi, ouvi, ouvi, ouvi, ouvi, ouvi... e aí na mesma madrugada minha madrasta foi conversar comigo, né? Pra falar que eu não falasse assim, né, e tal e coisa, e que eu tivesse mais cuidado. Na hora eu fiquei com raiva dela também, porque eu "ai, Ivonete", que é o nome dela, "ai, Ivonete, como é que tu pode ficar do lado dele, olha o que ele tá fazendo", né? Eu fiquei com muita raiva mas hoje eu entendo ela, né? Até porque é marido dela, né? Ela casou foi com ele, não comigo. E aí... e aí, assim, eu me assumi. E aí depois disso, assim, nós nunca mais tocamos no assunto diretamente, né, como aconteceu nessa noite, sempre assim, rodeando.

Retomando a fala da jovem Frida, vejamos ainda outros dados que se apresentam como vestígios lingüísticos ou pistas textuais; dados estes que nos conduzem à compreensão do funcionamento de seu discurso e reclamam análise. Em suas palavras:

Mas apesar dessas transformações que tem acontecido ainda há uma onda de conservadorismo muito forte. Por isso que eu ressalto isso no meu dia-a-dia, porque é importante que a mulher, que o homossexual, que o transexual não deixem de falar, né? Não deixem de se expressar e de se colocar, onde eles tiverem. E se



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

colocar como tais, se o forem mesmo, né? Enfim. Porque se um homem quiser defender os homossexuais... um homem heterossexual quiser, ótimo. Mas você se colocar como homossexual e ter a coragem de falar onde quer que você esteja, seja em casa, seja na escola, seja na faculdade, é muito importante pra quebrar todos esses preconceitos mesmo. Porque eu acredito que o conservadorismo sempre vem com muita força, né? A depender do momento político que a gente vive, é... a Igreja eu acho que ainda tem uma forte interferência. A Igreja Evangélica vem se expandindo também, talvez ainda mais conservadora e fechada que a Católica.

No texto acima, primeiramente, apontamos para o uso do signo “apesar”, que, em língua portuguesa, aparece na expressão “apesar de”, a qual indica oposição a uma outra ideia expressa, mas que não é impeditiva⁵. A partir daí, destacamos que o sujeito discursivo se posiciona articulando um par opositivo entre os substantivos *transformações* e *conservadorismo*, que poderia estabelecer uma relação de paráfrase com outros pares potenciais: *novo* e *velho*, *atual* e *antigo*, *moderno* e *tradicional*. Consideremos que o primeiro termo dos pares elencados (transformações, novo, atual, moderno) atrela-se a fatos ou acontecimentos que se dão no presente, no *aqui* e *agora*; o segundo (conservadorismo, velho, antigo, tradicional) aponta para fatos/acontecimentos que se vinculam a um tempo passado, transcorrido, que já foi vivido, mas que não se mantém totalmente inerte, inexistente, podendo ser restabelecido, “a depender do momento político que a gente vive”, de acordo com as palavras de Frida. Cabe mencionar que o termo tradição, para Bauman (2001, p. 9), define-se como um “sedimento ou resíduo do passado no presente”. Nesse sentido, poderíamos estabelecer uma relação entre a noção de sedimento/resíduo, utilizada pelo autor, e a instituição Igreja, a qual Frida faz menção em seu discurso. Para a jovem, esta instituição “ainda tem uma forte interferência”, e a igreja evangélica seria “ainda mais conservadora e fechada que a Católica”. Ainda com relação ao tema, a estudante acrescenta:

Então, assim, na minha sala de aula eu me assustei quando foi perguntado, né, na aula de Espanhol, que tipo de música a gente escutava e, tipo, quase metade da sala diz que escutava só música gospel e eu “caramba! Essa quantidade! Então devem ser evangélicos”. E aí uma que eu sei que é católica disse que escutava música religiosa. Então, assim, você nota que há um fechamento do outro... pra outros tipos de música, né? E isso deve se refletir de outras maneiras na vida da pessoa, né? Então... eu fiquei realmente bastante assustada. E eu acho que não é a toa. Porque é... essas igrejas... eu acho que a atmosfera geral quando surgem muitas novidades é

⁵ "Apesar", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/apesar> [consultado em 02-09-2014].



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

justamente pro conservadorismo voltar com força total e tentar imprimir ou reprimir a liberdade da mulher ou das diversas formas de amor mesmo, né? Então eu acho que há... a mulher tem mais voz mesmo dentro da sua relação, né? É... mas ainda continua difícil. A gente tem que continuar reagindo. Nós não estamos ainda numa situação confortável, né?

Neste trecho da entrevista de Frida, configuram-se sentidos que apontam para um distanciamento entre, de um lado, os alunos que só ouvem música gospel, provavelmente evangélicos, ou música religiosa, identificados como católicos e, de outro lado, os estudantes que talvez não ouçam nem uma nem outra, grupo no qual o sujeito discursivo poderia ser incluído (interessante perceber aqui a separação entre música gospel e religiosa⁶). O sujeito se coloca na condição de quem se vê numa situação de conflito/desconfiança: quase metade da sala parece ser constituída por alunos evangélicos, que se fecham pra “outros tipos de música”, o que pode “refletir de outras maneiras na vida da pessoa”, de acordo com o que nos diz Frida. Aqui se tem um discurso atravessado pela *suspeita* de que o “conservadorismo” das igrejas cristãs (católicas e, sobretudo, evangélicas) pode “voltar com força total”, “quando surgem muitas novidades” – neste último segmento verbal articulado pela jovem Frida se estabelece de forma mais explícita a relação parafrástica entre os pares *novo* e *velho*, *atual* e *antigo*, *moderno* e *tradicional*.

Neste ponto, é interessante nos referirmos ao pensamento de Orlandi (2003, p. 18), segundo o qual “a categorização novo/velho é sobretudo uma categorização do domínio psicológico, podendo também ser referida à história quando está é compreendida como cronologia, evolução”. Com base nessa consideração, a autora frisa que “não há linearidade histórica, quando pensamos o discurso” (ORLANDI, 2003, p. 18). E acrescenta: “a historicidade do discurso está ligada ao modo de funcionamento da linguagem e tem a ver com a produção de sentidos, na relação entre Formações Discursivas. [...] O sentido se faz sentido. Em suas relações” (ORLANDI, 2003, p. 18). “Em Análise do Discurso, a história não é cronologia, não é evolução, nem relação de causa-efeito, mas filiação, produção e mecanismos de distribuição de sentidos”, conclui Orlandi (2003, p. 9). A partir daí, poderíamos perguntar o que quer dizer o novo e o que quer dizer o velho, ou melhor, a

⁶ A separação entre música gospel e música religiosa parece remeter à disputa histórica entre Protestantes e Católicos.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

relação de oposição entre eles, a que discurso ou formação discursiva atrela-se constitutivamente estes opostos? Outrossim, caberia ter em mente, de acordo com as observações de Orlandi (2003), que a cronologia é apenas um sentido possível, dentre outros modos de se dizer o histórico.

Sem desprezar as observações da autora (2003) sobre outros modos de se referir a história, para além do viés da linearidade, gostaríamos de ressaltar que, no discurso da jovem Frida, a relação de sentido entre o par novo/velho se configura como uma dupla temporalidade: o *agora* (palavra dêitica que aponta para as metamorfoses na vivência amorosa)⁷ e o *antigamente* (termo com valor dêitico que se refere à influência da tradição religiosa nas formas de relacionamento). A propósito, convém mencionar as considerações de Bruckner (2011, p. 228) sobre a Igreja, aqui tomada, com base na fala de Frida, seja como sedimento/resíduo do passado no presente ou como símbolo de conservadorismo, em oposição ao novo:

A Igreja romana se tornou, ainda que a contragosto, um parlamento obrigado a arbitrar entre suas diversas facções. Mesmo que continue se considerando a única depositária da verdadeira fé, ela consente, não sem reticência, em se autocriticar, em dialogar com o ateísmo, o agnosticismo e outras confissões. Ela praticou a intolerância por paixão; ei-la obrigada a ser tolerante por fraqueza. Com exceção do islã, que permanece pertinaz, o princípio da laicidade é admitido na Europa inteira e, no momento, não se cogita revê-lo. As grandes religiões não têm mais a possibilidade, nas nações democráticas, de mandar prender e executar os que as contradizem.

Embora defenda, na citação acima, que as grandes religiões não recorrem mais a repressão nas nações democráticas, Bruckner (2011, p. 230) afirma “que nós vivemos mais do que nunca sob o grande aparato cristão, ele mesmo herdado do platonismo, quer sejamos ateus ou anticlericais radicais”. Assim como Frida, o autor enfoca negativamente aspectos da religião cristã, no caso dele, mais especificamente, da Igreja católica: “podemos julgar lamentável a atitude de Roma em relação ao celibato dos padres, à ordenação de mulheres, à ~~contracepção, ao aborto, à~~ homossexualidade, e irresponsável quando proíbe a pílula”

⁷ As palavras dêiticas, segundo estudos lingüísticos, não têm valor referencial próprio, mas apontam para algo que está fora delas, isto é, sua interpretação depende da situação extralingüística (contexto/situação) ou do texto do qual fazem parte, como por exemplos os pronomes pessoais e demonstrativos. <http://sersibardari.com.br/wp-content/uploads/2011/08/A-fun%C3%A7%C3%A3o-dos-d%C3%A1ticos-na-organiza%C3%A7%C3%A3o-do-texto.pdf>



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(BRUCKNER, 2011, p. 228).

Retomando as palavras da jovem estudante, o que temos é uma posição de desconfiança que conduz o sujeito discursivo a uma resposta ou reação, assim expressa: “por isso que eu ressalto isso no meu dia-a-dia, porque é importante que a mulher, que o homossexual, que o transexual não deixem de falar, né? Não deixem de se expressar e de se colocar, onde eles tiverem. [...]”. Ou ainda neste trecho, mais especificamente com relação à mulher: “a mulher tem mais voz mesmo dentro da sua relação, né? É... mas ainda continua difícil. A gente tem que continuar reagindo. Nós não estamos ainda numa situação confortável, né?”. E continua:

Então a gente tá vivendo esse momento de muita transformação nos relacionamentos. E eu não sei onde isso vai parar, né? E isso sempre... sempre vem na cabeça a onda conservadora. Porque a gente não pode retroceder, né? Porque sempre vem muitos discursos religiosos que, ah, que “bom era como era antes”, que os casais viviam casados eternamente, que era maravilhoso, mas por trás disso havia uma opressão gigantesca da mulher, e, em certa medida, até do homem que não podia se... se fosse homossexual não podia se assumir. E isso ainda existe, né? Talvez fosse mais forte antes.

CONCLUSÃO

Poderíamos concluir que as considerações de Bruckner (2011) sobre a suposta permanência do aparato cristão dialoga consensualmente com os sentidos configurados no discurso da jovem Frida, aqui em análise, sobretudo no que tange à tradição cristã e o risco que ela representaria para as transformações ocorridas na história ocidental com relação à igualdade de direitos entre homens e mulheres e ao preconceito contra a homoafetividade.

Segundo a perspectiva do sujeito discursivo, teríamos, de um lado, os alunos evangélicos, restritos em seus interesses musicais, ouvintes unicamente do estilo gospel, e, portanto, com posições musicais e ideológicas fechadas; de outro, os alunos que não se identificariam com estilos musicais e ideologias de caráter religioso. Neste caso, poderíamos falar em termos de uma disjunção entre um discurso fechado/cristão e um discurso aberto/secular.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Destacamos ainda que, no discurso de Frida, configura-se uma rede de sentidos geradora de um discurso de resistência, com base na autoafirmação das identidades sexuais e de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, MIKHAIL (V. N. Volochínov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOGDAN, Roberto C. & BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em Educação*. Portugal: Porto, 1994.

BRUCKNER, Pascal. *O paradoxo amoroso: ensaio sobre as metamorfoses da experiência amorosa*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

COUTTO, Isabel Osório Tubino do. *O amor em palavras: o discurso amoroso em questão*. Paraná: APPRIS, 2011.

DEL PRIORE, Mary. *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

MORAES, Magna Maricelle Fernandes Moraes. *Juventudes, Afetos e Linguagem: o saber discursivo e a formulação de sentidos sobre o amor a partir da fala de jovens acadêmicas*. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2013.

_____; Orlandi, Eni Puccinelli. *A leitura e os leitores*. Campinas, SP: Pontes, 2003.

PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.